



PRENDE-ME
ati

Melanie Harlow

TOP
SEL
LER

AUTORA BESTSELLER DO USA TODAY E DA AMAZON

*Para a Corinne Michaels,
extraordinária contadora de histórias e amiga.*

Serei aquele que fica até ao fim
E serei aquele que precisa de ti outra vez
E serei aquele que te pede em casamento num roseiral
E te amará de verdade muito depois de a nossa cortina se fechar
Mas amar-me-ás ainda quando ninguém me quiser por perto?
Quando tiver 81 anos e me esquecer das coisas, ainda te orgulharás?

Rex Orange County, *Happiness*

Quinze anos antes

Beckett

— Quem quer ser o primeiro? — perguntou o Cole.
Fitámos todos a caixa de pesca vazia em cima da mesa da cozinha. Fora o Griffin a trazê-la, mas eu é que a esvaziara, removendo todos os tabuleiros para servir uma função diferente.

Uma cápsula do tempo.

Desde miúdos que eu, o Cole Mitchell, o Griffin Dempsey e o Enzo Moretti — os meus melhores amigos — planeávamos enterrar uma cápsula do tempo no verão depois de concluirmos o ensino secundário. Tínhamos ouvido falar de cápsulas do tempo anos antes, numa aula de Estudos Sociais do quinto ano, e a decisão foi tomada pelos quatro ali mesmo.

Após aceso debate, concordámos que fazia mais sentido enterrá-la algures na quinta da minha família. Supúnhamos que a família de cada um deles podia mudar-se um dia para outra cidade, mas o Rancho Weaver estava na minha família há mais de cem anos e assim permaneceria nas próximas gerações.

Eu garantiria que assim fosse.

O meu plano era licenciar-me em Finanças, fazer um MBA e arranjar um daqueles empregos em Wall Street onde se ganham milhões, caso se tenha cabeça, estômago e ética de trabalho.

Eu tinha os três, e usá-los-ia para ajudar a minha família.

— Começo eu — disse o Griffin, colocando a mochila estafada em cima da mesa e vasculhando lá dentro. Tirou as fitas da sua

formatura, uma fotografia em que ele estava entre o pai e o avô diante da capota aberta de um velho caminhão que estavam a restaurar, e uma folha de papel dobrada.

— O que é isso? — perguntou o Moretti, apontando para o papel.

— É uma cópia da carta dos Marines a dizer-me quando e onde devo apresentar-me para a recruta.

Todos assentimos com a cabeça e observámos o Griffin a depositar aqueles objetos na caixa. Seria o primeiro a deixar Bellamy Creek e o nosso quarteto fantástico. Partiria dentro de três semanas para Parris Island. Em agosto eu iria para Harvard, com uma bolsa de estudo; o Cole iria para a escola de polícia local. O Moretti já trabalhava a tempo inteiro na empresa de construção da família, o que fazia desde os 14 anos.

Por último, o Griffin tirou da mochila uma bola de basebol suja e esfolada.

— Do dia em que fiz o *home run* da vitória contra o Mason City High no jogo do título — disse com reverência. — Assinei-a, para o caso de vocês também porem aqui uma bola de basebol. Assim sabermos qual é de quem.

Todos assentimos com a cabeça. O basebol era sagrado para nós — a única coisa ainda mais sagrada era a nossa amizade.

O Griffin depositou a bola lá dentro como se fosse feita de vidro.

— OK, quem é o próximo? — perguntei.

— Sou eu. — O Moretti colocou em cima da mesa um saco de papel castanho de onde tirou um recorte da *Gazeta de Bellamy Creek* sobre o seu registo de bases roubadas e um menu de *takeout* do DiFiore's, o seu restaurante favorito, que era dos seus primos. Seguiu-se uma fotografia da formatura. Não uma das pequenas, mas sim uma de treze por dezoito centímetros.

— A sério, Moretti? — O Griffin apontou a foto. — Uma enorme fotografia *tua*?

— Então, achei que estava bem nesta fotografia. E se ficar careca, ou algo assim? Quero olhar para trás e lembrar-me de quando tinha um cabelo fantástico. E maçãs do rosto. — Depositou a fotografia na caixa.

Rindo, abanei a cabeça. Era típico do Moretti. Ele era vaidoso e egocêntrico, mas não se podia pedir um amigo mais leal. Ia ter saudades dele. De todos.

— Também tenho uma fotografia *nossa*, por isso cala-te. — Tirou um instantâneo em que estávamos os quatro depois de um dos nossos últimos jogos, quatro miúdos de 18 anos, vaidosos, com bonés de basebol e equipamento sujo, sorrindo para a câmara. Adicionou-a à caixa e olhou para o outro lado da mesa.

— Cole? Queres ser tu a seguir?

— OK. — O Cole abriu um grande saco de plástico com fecho de correr e tirou uma folha de papel dobrada. — A agenda da nossa equipa de basebol e o registo das temporadas — disse ele, colocando o papel na caixa. — E tenho a bola do *no-hitter* que fiz este ano. Assinei-a e datei-a.

— Foi um jogo do caraças — disse o Griffin, dando uma palmada nas costas do Cole. — Foi o melhor que te vi lançar. Caramba, vou ter saudades desses jogos.

— Eu também — concordei, detestando a sensação de vazio no meu estômago. — Acham que alguma vez voltaremos a jogar juntos?

— Claro que sim! — O Moretti riu-se. — Vamos ser como aqueles velhotes que aparecem todas as quintas-feiras à noite no verão, com as barrigas de cerveja e os velhos joelhos instáveis.

Rimo-nos todos, incapazes de nos imaginarmos com barriga e problemas nos joelhos.

A última coisa que o Cole depositou na caixa foi uma fotografia de nós os quatro com as nossas acompanhantes na noite do baile de finalistas. O Cole tinha levado a namorada, a Trisha; o Griffin levava uma rapariga com quem andava intermitentemente desde o Natal; o Moretti levava a namorada daquele mês, e eu tinha levado uma amiga, visto que a rapariga que eu *queria* ter convidado — a Maddie Blake — estava fora do meu alcance.

— É a tua vez, Weaver. — O Cole olhou para mim. — Vamos ver o que trouxeste.

De um saco de plástico da mercearia, tirei uma cópia da minha carta de admissão em Harvard, o meu estimadíssimo cromo do

Mickey Cochrane e duas fotografias. A primeira era de nós os quatro com as nossas capas e chapéus logo a seguir à cerimónia de formatura, e a segunda era uma foto que tirara com a Maddie um minuto depois. Eu tinha o braço sobre os ombros dela e ela enlaçava-me pela cintura, com a bochecha quase pousada no meu peito.

Eu mal conseguia respirar.

— Qual é a segunda fotografia? — perguntou o Cole, porque eu tentei escondê-la atrás da outra.

— Não é nada. — Peguei na tampa da caixa e tentei fechá-la, mas o Moretti tinha reflexos rápidos e enfiou a mão na caixa e pegou nas fotografias, trocando-lhes a ordem.

— Ah, ah. *Agora* percebo. — Sorriu.

— Vai-te lixar. — Arranquei-lhe as fotos das mãos e coloquei-as viradas ao contrário dentro da caixa.

— É uma foto de quem? — perguntou o Cole.

— Da rapariga dos sonhos dele — disse o Moretti. — Mas, Weaver, tens noção de que dizeres-lhe que gostas dela seria uma ideia melhor do que guardar a foto dela numa caixa que vais enterrar?

Cerrei os maxilares.

— Não posso fazer isso, está bem?

— Podias — insistiu ele. — Só não queres.

Para o Moretti, era fácil falar. Ele nunca ficava com a língua presa diante das raparigas e encantava toda a gente que conhecia. Até as professoras e as mães o adoravam. Também gostavam de mim, mas por razões diferentes — eu era educado, calado e responsável. Mas tinha de pensar antes de falar com uma rapariga, e por vezes pensava durante tanto tempo que perdia a oportunidade de dizer o que queria.

Especialmente com a Maddie.

O Cole fechou a caixa e trancou-a.

— Vamos enterrá-la?

— Sim, vamos a isso — respondeu o Griffin. — Tenho de estar em casa às seis para o jantar.

Sáímos pelas traseiras e a porta de madeira chiou mesmo antes de se fechar, como sempre fazia, um som familiar de que nunca

imaginei vir a sentir a falta mais tarde, ou sequer pensar nisso quando estivesse fora.

Estava enganado em relação a isso.

Estava enganado em relação a muitas coisas.

Sáímos para o pátio e olhámos para o grande estábulo vermelho, os cercados para os cavalos, o galinheiro, a horta, os pastos mais além. Era a minha hora favorita no rancho — o sol começava a pôr-se, empoando tudo de dourado. Algures nos campos, o meu pai ainda trabalhava e eu sentia-me um pouco culpado por ter largado o trabalho mais cedo hoje.

— Onde é que há um sítio bom? — perguntou o Moretti.

— Que tal ali, junto da árvore? — sugeri, apontando para um velho ácer entre a cavaliça e o estábulo. Dos seus grossos e sólidos ramos pendia um baloiço onde eu e as minhas irmãs brincávamos quando éramos crianças, mas essa não era a minha memória favorita em relação a ele. Já não.

— Pode ser — disse o Cole. — Só tem de ser um sítio onde não se desenterra facilmente.

— As raízes da árvore podem ser um problema. — O Griffin levantou o boné e voltou a pô-lo.

— Enterramo-la a meio caminho entre a árvore e o estábulo. Deixem-me ir buscar uma pá. — Deixei-os ali e fui ao telheiro.

Em poucos minutos, cavei um buraco de bom tamanho e o Griffin ajoelhou-se para colocar a caixa lá dentro. Atirámos terra para o buraco e eu alisei-a com a pá.

— Acham que devemos assinalar o sítio? — perguntou o Cole.

— Não, havemos de nos lembrar onde é — afirmou o Moretti.

— Quando é que a vamos desenterrar? — perguntou o Griffin. — Daqui a uns vinte anos?

Encolhi os ombros.

— Pode ser.

Todos fitámos a terra remexida, tentando imaginar a vida dali a vinte anos. Não era fácil.

— Como acham que vamos ser nessa altura? — perguntou o Cole.

O Moretti riu-se.

— Tu vais ser polícia. Casado, com dois filhos, uma cerca de madeira em redor da casa e um cão. Talvez a ficar careca.

O Cole riu-se e deu-lhe um empurrão.

— Vai-te lixar.

— Eu devo ser exatamente como o meu pai. — O Moretti não parecia muito feliz em relação a isso. — Acrescentando os cabelos brancos que a minha mulher e os meus oito filhos me vão dar.

— Vais ter *oito filhos*? — perguntei-lhe.

Ele encolheu os ombros.

— Sou um Moretti. Não fazemos nada pela metade.

— Pergunto-me se ainda estarei nos Marines — disse o Griffin, olhando à distância —, ou se terei voltado para cá e estarei a trabalhar com o meu pai na oficina.

— Aposto que voltas — disse o Moretti. — Eu ainda estarei aqui, de preferência a gerir a Moretti & Filhos. Se não for o patrão quando chegar aos 38 anos, um de vocês tem de me dar um soco na cara.

O Cole virou-se para mim.

— E tu, Beckett? Achas que voltas para cá depois da universidade?

— Não, o Beck não volta — escarneceu o Moretti. — Vai estar muito ocupado a fazer os seus milhões em Wall Street.

Rindo, encolhi os ombros.

— Ainda não sei.

Ficámos todos em silêncio por um momento, de repente abalados pelo peso da separação e do futuro desconhecido. Tínhamos sido os melhores amigos — irmãos, na verdade — durante tantos anos, que nunca consideráramos seriamente que um dia as coisas mudariam e seguiríamos caminhos separados... talvez para sempre.

— Vamos fazer um pacto. — O Moretti parecia sério, mais sério do que alguma vez o ouvira. — Que, aonde quer que a vida nos leve, daqui a vinte verões voltamos a este sítio e desenterramos a nossa cápsula do tempo juntos.

— Combinado. — O Cole estendeu o punho, como fazíamos antes dos jogos.

— Combinado. — O Griffin bateu com os nós dos dedos nos do Cole.

— Combinado. — O Moretti adicionou o seu punho.

— Combinado. — Juntei o meu.

Alguns minutos depois, voltámos para casa e eu parei no telheiro para guardar a pá. Fechei a porta e corri atrás deles, atirando um último olhar por cima do ombro em direção ao bordo.

Perguntei-me se, quando voltasse dali a vinte anos para desenterrar a caixa, ainda teria a mesma rapariga na cabeça, ou se ela seria uma memória distante. Talvez me risse por a paixoneta me ter parecido tão forte aos 18 anos. Talvez já tivesse dormido com umas *cinco* raparigas, ou algo assim — neste momento, era o único virgem dos quatro. Mas isso não me incomodava.

Muito.

Perguntei-me se seria feliz. Se seria rico. Se teria um bom emprego. Por um segundo, até me perguntei se nós os quatro ainda seríamos melhores amigos.

Depois apercebi-me... claro que seríamos.

Dizem que os amigos são a família que escolhemos, e nós os quatro tínhamo-nos escolhido uns aos outros há muito tempo.

Há coisas que nunca mudam.

Um

Beckett

— Vou para Chicago hoje — anunciou o meu pai à mesa do pequeno-almoço. — Preciso da caixa com pegas.

Peguei na chávena de café e examinei o meu pai por um momento. Ainda estava de pijama e tinha o cabelo branco espetado em várias direções.

— Referes-te à mala de viagem? — perguntei.

— Sim, é isso. — Assentiu com a cabeça, satisfeito, e começou a barrar a torrada com manteiga. — Sabes onde está?

— Provavelmente, no sótão. Mas porque é que vais a Chicago?

— O jogo desta noite é lá.

— Qual jogo?

Ele olhou-me como se eu tivesse perdido o juízo.

— O jogo de basebol. É o que diz ali na agenda dos jogos.

A agenda dos jogos dos Detroit Tigers estava colada no frigorífico graças a um íman que dizia «Adoro o meu tio», uma oferta da Daisy, a minha sobrinha de 7 anos.

— Tens bilhetes para o jogo? — perguntei, embora soubesse perfeitamente que não.

— Bilhetes! — desdenhou ele. — Os jogadores não precisam de bilhetes. E eu sou a melhor hipótese que eles têm de baterem os Sox.

— Certo. — Olhei para o meu pai por um longo momento, dividido entre a vontade de rir ao imaginá-lo, aos 81 anos, no equipamento dos Detroit Tigers, pavoneando-se até à placa, ajustando o boné

e lançando ao *pitcher* o seu mais carrancudo olhar de velho, e a vontade de lhe gritar que parasse com aquele maldito disparate, porque ele não era, nem nunca fora, um jogador da liga principal de baseball.

Era um agricultor reformado com problemas nas ancas, mãos artríticas e um arrastar de pés geriátrico, lento como o melão em janeiro. Demoraria um mês inteiro a percorrer as bases.

Em vez de lhe fazer notar isto tudo, tomei um gole de café.

Normalmente, quando me via confrontado com o seu *declínio cognitivo moderado*, como lhe chamava o médico — ainda que alguém poder referir-se às suas fantasias loucas como *moderadas* me transcendesse —, tentava usar a razão e a lógica com ele. Mantê-lo preso à realidade. Mas nada tornava o meu pai mais beligerante do que dizerem-lhe que aquilo em que acreditava não era real, por isso, andava a tentar ser mais paciente com ele.

— Vou buscar a tua mala de viagem.

— Ótimo. Arrumo-a depois do pequeno-almoço — continuou ele.

— Não quero perder o comboio. Dás-me boleia para a estação?

Tomei mais um gole e respirei fundo.

— Claro, pai.

— Obrigado. — Atirou-se novamente ao pequeno-almoço.

Sem muita fome, olhei pela grande janela ao lado da mesa, de onde avistava o rancho. Estava uma linda manhã de junho — o céu azul sem nuvens, o sol a brilhar e a terra finalmente seca. Estava levantado desde as cinco da manhã, vira o nascer do sol enquanto tomava a minha primeira chávena de café, depois saíra para realizar as tarefas matinais antes de voltar para dentro e acordar o meu pai para o pequeno-almoço — uma reversão completa dos papéis pai-filho que nunca cessava de me pôr a cabeça a girar.

Porém, em vez de remoer nisso, organizei mentalmente o dia de trabalho. Como proprietário e único trabalhador a tempo inteiro no Rancho Weaver, a minha lista de afazeres era infundável. Tinha um par de ajudantes a meio tempo, mas, na maior parte dos dias, manter este sítio a funcionar era um *one-man show* comigo como protagonista.

Os meus dias eram longos, sujos, suados, exigentes e, ocasionalmente, faziam-me questionar a minha sanidade. Além de todo o trabalho físico, também tomava as decisões executivas que nos mantinham à tona e pagava as contas que mantinham as luzes acesas. Mas após anos passados em escritórios nos arranha-céus de Manhattan, sentindo-me preso nos cubículos e sufocado pela ganância e pelas gravatas, podia dizer com toda a certeza que não trocava esta vida por nenhuma outra.

Porém, se havia coisas que mudaria?

Sem dúvida.

A começar pelo homem sentado à minha frente, que falava sem parar sobre alguém lhe ter roubado o equipamento de basebol porque o procurara esta manhã e não o encontrara onde devia estar.

— Eu vou procurá-lo — disse-lhe. — Ou talvez a Amy te possa ajudar. Ela deve estar a chegar.

— A Amy? — O meu pai iluminou-se ao ouvir o nome da minha irmã mais velha.

— Sim. Ela vem passar o dia contigo.

— Amy Maureen. Dia 19 de abril de 1979.

— Exatamente. — Enunciar os nomes e as datas de nascimento dos filhos era algo que o meu pai gostava de fazer para provar que ainda estava no seu juízo. — E a Mallory? — incentivei, referindo-me à irmã do meio.

— Mallory Grace. Dia 20 de janeiro de 1982.

— E eu?

— Beckett Eugene. Dia 2 de outubro de 1987.

Como sempre, estremeci um pouco ao ouvir o meu segundo nome.

— Certo. E quem é que ganhou...

— Os Twins — disse ele, com uma expressão de orgulho, por ter adivinhado a minha pergunta seguinte. — Os Minnesota Twins ganharam o campeonato mundial desse ano, vencendo os St. Louis Cardinals, em sete jogos.

Sorri. A sua memória de longo termo, especialmente para os resultados do basebol, ainda estava bastante sólida.

— Muito bem, pai.

— Tu eras um bebé — recordou ele, e os olhos azul-acinzentados iluminaram-se com a recordação. — Eras mesmo bebé quando vi esse jogo. — Olhou por cima do ombro para o centro da nossa casa. — Mas onde fica a sala onde eu estava?

— Era na casa velha. Construámos uma nova, lembras-te? — Quando regresssei a Bellamy Creek, há quatro anos, resolvi demolir a casa de ripas que os meus bisavós tinham construído na propriedade para construir uma estrutura com vigas de madeira.

— Oh. — O meu pai coçou a cabeça e continuou a estudar a grande sala com a altura de dois andares, com a sua sólida lareira de pedra e descomunal mobiliário de couro, os espessos tapetes e mantas em tons de terra que condiziam com as vistas lá fora, e as enormes janelas que davam para um fundo relvado diante da casa. — Bem, se eu tivesse um mapa, poderia encontrar o caminho para casa.

A tristeza apertou-me o coração. Ele estava sempre a falar de mapas, e eu sabia que era por se sentir perdido, mas nenhum mapa o levaria aonde queria ir.

— Estás pronto para o duche? — perguntei, mudando de assunto.

— Já tomei um.

— Não, não tomaste. Vá lá, acaba o teu pequeno-almoço e depois ajudo-te. Disse à Amy que estarias vestido e pronto para ir à cidade quando ela chegasse. — Eu sabia que isso o decidiria. O meu pai adorava sair de casa. Na verdade, do que gostava mesmo era de deambular sozinho, embora nós soubéssemos que atualmente não podíamos perdê-lo de vista. — Ela disse que te levava a cortar o cabelo.

— Eu podia ir cortar o cabelo sozinho, se não me tivesses roubado a carrinha — disse, empinando o queixo.

— Não te roubei a carrinha, pai. — Levantei-me da mesa e levei a chávena e o prato vazios para o lava-loiça.

— Está bem, pronto, roubaste-me as chaves — disse ele, seguindo-me para a cozinha. — Há uma semana que não as encontro.

Na verdade, tinha escondido as chaves há uns seis meses, e a velha carrinha ainda estava na garagem.

— Não precisas de chaves. A Amy vai conduzir.

— A Amy! — gritou ele. — Ela não sabe conduzir. É uma criança. Lavei o prato e a chávena dele antes de o segurar pelos ombros e o conduzir para fora da cozinha.

— Vamos lá. Duche.

Dirigimo-nos ao quarto principal, localizado do outro lado do salão. Quando a casa ficara concluída, o meu pai oferecera-se para me dar o espaçoso quarto com casa de banho no piso térreo, mas ele já evidenciava alguns problemas nas ancas e eu sabia que em breve as escadas seriam um obstáculo. E eu não precisava realmente daquele espaço todo. Nem percebia porque é que deixara o Enzo, dono da empresa de construção, persuadir-me a construir o enorme *closet* ou a banheira.

Depois de ajudar o meu pai a escolher a roupa, deixei-lha em cima da cama e mandei-o para o duche.

— Vou bater à porta daqui a cinco minutos e é nessa altura que saís.

— Está bem. — Ele assentiu com a cabeça e foi para a casa de banho.

Felizmente, ainda não tinha de o ajudar a tomar banho ou a vestir-se, e ele ainda conseguia tratar da sua higiene pessoal. Mas sabia que chegaria o dia em que também isso seria responsabilidade minha.

Quando voltei para a cozinha, a Amy estava a entrar pelo vestíbulo, com as chaves numa mão e uma caneca de viagem na outra. Tal como eu, tinha os olhos azul-acinzentados do nosso pai e o cabelo castanho-areia que aloirava todos os verões. O dela estava preso num rabo de cavalo.

— Bom dia — cumprimentou.

— Bom dia. Chegaste cedo.

— Sim. Acordei antes do despertador e decidi pôr-me a caminho.
— Encolheu os ombros. — É verão. Os miúdos podem tratar do seu pequeno-almoço.

— Agradeço-te a ajuda — disse eu, encostando-me à bancada. — Ele recusa-se a voltar ao centro de dia, mas não posso passar o tempo

a correr para aqui, para ver como está. E tenho medo de que tente usar o forno outra vez.

Ela acenou solenemente com a cabeça.

— Achas que devemos, finalmente, falar da residência assistida?

— Não. — A minha resposta continuava firme. — Ainda não. Só preciso de alguma ajuda durante o dia, enquanto trabalho. E nem são coisas muito difíceis, é só mantê-lo ocupado e alimentado. Fazê-lo dormir uma sesta. Levá-lo às consultas. Pus outro anúncio na *Gazeta de Bellamy Creek*, mas ainda ninguém respondeu. Acho que se espalhou a notícia de que ele despede toda a gente.

Ela suspirou e tomou um gole de café.

— Como está a correr a manhã dele?

— Não vai mal. — Sorri, abanando a cabeça. — Está um pouco preocupado por não encontrar a mala de viagem para poder chegar a tempo a Chicago. Estás a ver, como é que os Tigers vão derrotar os Sox sem ele?

Ela riu-se.

— Não faço ideia.

— Acha que lhe roubei o uniforme.

— Sacana!

— E a carrinha.

— *Velhaco*. — Ela brincava, mas os seus olhos estavam tristes.

Eu sentia o mesmo, mas se não nos ríssemos de vez em quando um com o outro por causa do comportamento do nosso pai, afogávamo-nos em mágoa.

— Ficou todo animado quando lhe disse que o levarias à cidade para cortar o cabelo — contei-lhe. — Deve pensar que consegue escapar-se para a estação de comboios.

— Ele esquece-se do comboio assim que estiver na cadeira do salão. Adora aquela rapariga que lhe corta o cabelo; nunca mais se cala, a contar-lhe a sua carreira no basebol. — Abana a cabeça. — Uma pessoa não percebe onde é que ele vai buscar estas coisas. Todas as estatísticas que debita, as histórias malucas. De onde virá isso? Dos tempos da escola secundária?

— Algumas coisas, provavelmente. Ele era um excelente jogador, e podia ter jogado basebol universitário se tivesse tido hipótese de estudar fora daqui. Tinha talento e cérebro.

— Pois — disse a minha irmã, com os olhos marejados.

O nosso pai era o único rapaz da família e, quando terminou a escola secundária, o pai já tinha morrido e a mãe e as irmãs precisavam dele para gerir a quinta. Uma vez, quando era miúdo, perguntei-lhe se ele tinha ficado zangado com isso — eu teria ficado, sem dúvida —, mas ele encolheu os ombros e disse que não, que soubera sempre onde é que fazia mais falta e o que é que, no fim, seria importante.

Nunca me esqueci disso.

— Contudo — continuei —, também está a misturar o percurso na escola secundária com alguns dos melhores momentos na história da MLB. Sabes quantas vezes o ouvi descrever a bola que o Willie Mays apanhou por cima do ombro no campeonato mundial de 1954 como se tivesse sido ele a apanhá-la?

Ela sorriu.

— Jogo um? Primeira parte do oitavo *inning*? Bola funda em voo para o meio campo?

Exalando, abanei a cabeça.

— Desisti de discutir com ele acerca disso.

— Mas porque é que discutes seja o que for? — Ela virou-se para a bancada, lavou a caneca e deborcou-a numa folha de papel de cozinha. — Sabes que não vale a pena.

— Porque, metade do tempo, sinto que ele *sabe* que o que está a dizer é ridículo, e só o faz para me irritar.

— Porque é que ele faria isso, Beckett? — perguntou ela, abrindo a máquina de lavar loiça depois de empilhar os nossos pratos do pequeno-almoço.

— Para se vingar de eu lhe ter roubado a carrinha, as chaves e a liberdade. Ou o que mais pensa que lhe roubei. — Esfreguei a cara com ambas as mãos. — Só tento ajudá-lo a manter os pés na realidade. Mas é escorregadio.

— Eu percebo. — A voz da minha irmã era doce enquanto fechava a máquina. — E lamento que tenhas de lidar com isto sozinho todos os dias. Gostava de poder passar mais tempo aqui.

— Não faz mal. Tu e a Mallory fizeram mais do que a vossa parte aqui enquanto eu era pequeno.

A minha mãe abandonara-nos quando eu ainda usava fraldas, e eu fui praticamente criado pelas minhas irmãs, enquanto o nosso pai se matava a trabalhar para transformar a quinta de laticínios que os seus avós tinham iniciado num pequeno rancho de criação de gado.

Ser rancheiro não foi sempre o meu plano de carreira, mas depois de obter o meu MBA em Yale, tinha passado cinco anos a trabalhar para um fundo de investimento em Wall Street, onde fiz uma quantidade exorbitante de dinheiro antes de perceber que detestava o que fazia. Então, exatamente quando começava a questionar tudo, o meu pai desenvolveu problemas de saúde e pensou em vender o rancho — e foi como se o Universo me tivesse dado um murro no estômago.

Eu sabia onde fazia mais falta e o que, no fim, tinha importância.

— Bem, alguém tinha de te manter livre de sarilhos — brincou a Amy. — Garantir que aprendias o abecedário e comias espinafres.

— Espinafres. — Fiz uma careta.

— Vá lá, faziam-te falta. Eras um miúdo tão escanzelado, e agora olha para esses músculos de Popeye! — Veio ter comigo e apertou-me o braço. — Quase te rebentam as mangas!

— Larga lá. — Afastei-lhe a mão e olhei para o telefone. — Tenho de tirar o pai do duche, ou fica lá para sempre.

— Gosta assim tanto de tomar duche?

— Não, mas esquece-se de que já se ensabooou e faz tudo de novo — respondi, saindo da cozinha. — Consegue lembrar-se de todos os pormenores daquele maldito *catch* do Willie Mays em 1954, mas não se lembra se lavou as axilas cinco minutos antes.

Ela riu-se.

— És um bom homem, Beckett Weaver.

Depois de bater com os nós dos dedos na porta da casa de banho do meu pai algumas vezes até ouvir a água parar de correr, atravessei o vestíbulo para regressar à cozinha.

— Ele está a vestir-se agora — disse à minha irmã. — O corte de cabelo é às onze horas, ele precisa de almoçar logo a seguir e dormir uma sesta por volta da uma.

Ela apertou o rabo de cavalo.

— Provavelmente almoçamos na cidade. Posso trazer alguma coisa para ti?

— Não. — Sentei-me no banco do vestíbulo e calcei as botas.

— Posso ficar aqui até às duas. Dá-te tempo suficiente?

— Sim. A Maddie Blake deve chegar por volta das três, e preciso de limpar primeiro.

— Oooh. — O seu tom tornou-se malicioso. — A Maddie Blake. Levantei os olhos dos atacadores.

— Que queres dizer com isso?

Ela encolheu os ombros, os olhos muito abertos e inocentes.

— Absolutamente nada. Que tem de estranho, a rapariga por quem tinhas uma paixão gigante na escola secundária vir viver contigo? Está sempre a acontecer.

— Caramba, Amy. Éramos só amigos. Ela vivia do outro lado da estrada. Fazíamos os trabalhos de casa juntos. Ela tinha namorado. — À medida que enumerava as razões para eu e a Maddie Blake nunca termos ficado juntos, o meu tom tornou-se mais defensivo. — Agora tem uma filha e acabou de passar por um divórcio.

— Calma — disse ela num tom reconfortante. — Não estou a *acusar-te* de nada. Só digo que era óbvio que gostavas dela.

— E ela não vem *viver comigo*. — Levantei-me, grato pelo meu metro e noventa e três de altura e peito largo. — Ela e o filho vão ficar aqui temporariamente durante as obras na casa antiga da mãe, para depois poder vendê-la.

A Amy franziu o nariz.

— Boa sorte para vender aquilo por algo que se veja. O telhado parece prestes a desabar.

— Foi exatamente por isso que lhe disse que devia ficar aqui. O Moretti vai lá ter connosco mais tarde dar-nos uma estimativa do que nos vai custar a renovação.

— *Nos?* — Os olhos dela brilharam novamente.

— *Lhe.*

— Disseste *nos*.

Olhei-a de cima.

— Queria dizer *lhe*.

Um dos cantos da boca da minha irmã revirou-se para cima.

— Ainda tens um fraquinho — disse ela, como se cantasse. Eu revirei os olhos, tirei o boné da prateleira e pu-lo na cabeça. — Se ela ainda for gira, devias convidá-la para sair enquanto ela está aqui. — Seguii-me para fora de casa.

— Porquê?

— Porque é uma coisa que os adultos fazem para se divertir.

Continuei a andar.

— Não tenho tempo para me divertir.

— Sabes que só porque trocaste o fato e a gravata por calças de ganga e botas, isso não te torna menos viciado no trabalho! — gritou ela enquanto eu me dirigia ao estábulo. — Precisas de uma vida pessoal, Beckett! Precisas de algum entusiasmo!

— Eu tenho entusiasmo. — Fugindo ao assunto da minha vida pessoal, virei-me e andei de costas alguns passos, com os braços abertos. — Caramba, o meu pai é central dos Tigers, e ainda ontem me disse que se eu fizesse uma boa época, podia meter-me na equipa!

— Uma boa época em quê? — provocou ela. — No basebol para velhotes?

Parei e apontei-lhe um dedo.

— Ei, um pouco de respeito, por favor. Estás a falar com o maior batedor dos Bellamy Creek Bulldogs, *tetracampeão* da Liga Sénior do Condado de Allegan.

Rindo-se, ela pôs a mão diante do peito e fez uma vénia.

E assim é que devia ser!

Sorrindo, virei-me e prossegui para o estábulo. Era de facto engraçado que eu e os meus três melhores amigos tivéssemos acabado a participar naqueles jogos de quinta-feira à noite de que troçávamos, e nem nos faltavam os joelhos rígidos e as dores nos ombros. Felizmente, estávamos todos em boa forma — nada de barrigas de cerveja, ainda —, embora não houvesse dúvidas de que envelhecêramos um pouco.

Mas o Griffin ainda era uma força na primeira base, o Cole continuava a ser uma estrela enquanto lançador, o Moretti continuava a ser o corredor mais rápido e eu ainda era bom atrás da placa e batia com confiança a maior parte dos *home runs* em cada temporada. Já não tínhamos 18 anos, mas, em campo, sentíamos-nos como se os tivéssemos. E o melhor de tudo era a nossa amizade permanecer sólida.

No estábulo, montei o meu cavalo, *Pudge* — em homenagem ao lendário *catcher* dos Tigers, Ivan «Pudge» Rodriguez — para levar a manada de gado das Terras Altas de um cercado para outro, o que tinha de ser feito praticamente todos os dias desde o fim da primavera até dezembro.

Trabalhei sozinho toda a manhã, o que me agradou. O trabalho no rancho era solitário na maior parte do tempo, pelo menos para um tipo como eu, com um negócio pequeno. Sou calado por natureza, por isso nunca me incomodavam os longos períodos sozinho, mas dava-me muito tempo para pensar.

Normalmente pensava no meu pai — preocupando-me com o declínio da sua saúde mental, perguntando-me dentro de quanto tempo a sua saúde física começaria também a deteriorar-se, repreendendo-me por ser duro com ele quando talvez a minha irmã e os médicos tivessem razão e eu não pudesse fazer nada para atrasar o progresso da sua demência.

Hoje, porém, não era o meu pai que me ocupava os pensamentos. Era a linda rapariga de cabelos castanhos do meu passado.

Uma rapariga com olhos verde-garrafa e uma grande boca de lábios carnudos que ela tapava sempre que se ria, por achar que era demasiado grande para a sua cara.

Uma rapariga que era mais rápida e melhor a matemática do que eu e adorava provocar-me por causa disso — quando não estava a ajudar-me a compreender um problema que eu não conseguia resolver.

Uma rapariga que eu beijara uma vez debaixo do ácer, mas sonhava beijar um milhar de vezes.

Perguntei-me se a Maddie se lembraria desse dia. Estávamos no décimo segundo ano e era primavera. Faltavam poucas semanas para o baile de finalistas e estávamos em minha casa a estudar para os exames de aferição num domingo à tarde. Ela estava invulgarmente calada e reservada — normalmente trinava como um pardal, preenchendo todos os meus silêncios. Mas naquele dia não falava e, sempre que eu olhava para ela, estava a morder o carnudo lábio inferior, concentrando-se na ponta do seu lápis sobre o papel. Por fim, ouvi-a fungar e levantei os olhos, chocado por ver lágrimas a rolares-lhe pelas bochechas.

Conhecia a Maddie desde o primeiro ano e nunca a tinha visto chorar.

«Pronto», dissera eu, pousando o lápis. «Vamos fazer uma pausa.»

Ela assentiu com a cabeça e levantou-se, seguindo-me pela porta das traseiras até ao sol do fim da tarde. Eu sabia que ela gostava dos nossos cavalos, por isso dirigi-me ao estábulo, pensando que a animaria estar perto deles. Mas antes de chegarmos à porta do estábulo ela afastou-se de mim e correu para um velho e denso ácer, encostou os braços à sua casca áspera e soluçou.

Atónito, observei-a por um momento, sentindo-me inútil e embaraçado. Ainda estendi a mão para lhe dar uma palmadinha nas costas, depois mudei de ideias e voltei a enfiar a mão no bolso.

«Desculpa», soluçou ela. «Deves pensar que sou maluca.»

Havia palavras na ponta da minha língua de 18 anos — palavras como, *na verdade, penso que estou apaixonado por ti* —, mas ficaram presas.

Nem sequer tinha a certeza do que era o amor, mas sempre que ela estava por perto, sentia-me tonto e sem fôlego, como se tivesse o estômago revoltado, mas também como se pudesse levantar um trator

de cima de alguém ou talvez escalar uma parede de sete metros. Quero dizer, aquilo era amor? Ou era um desequilíbrio químico?

Ative-me a temas mais seguros.

«Estás preocupada com o exame de Cálculo?»

«Não. Quero dizer, sim. Estou preocupada, mas não é por isso que estou perturbada agora. É a minha m-mãe», disse ela, com a respiração entrecortada.

«Oh.»

«Ela é de-demasiado dura comigo.»

Era verdade. Ter padrões elevados era uma coisa, mas as expectativas da Sra. Blake para a Maddie eram insanas. Menos do que uma classificação de 18 era lixo. Ser a segunda melhor era algo que não existia. Os erros não eram permitidos. A Maddie tinha tido um 15 no primeiro teste de Cálculo do ano e não tivera permissão para sair de casa durante uma semana. Eu tinha tido um 10, e quando o meu pai vira como eu estava chateado comigo próprio, encolhera os ombros e dissera-me que não me preocupasse — aprender com os erros fazia parte da vida.

«Ela não me ama.» A Maddie virou-se para me olhar, os seus olhos verdes brilhando de lágrimas.

«Claro que ama.» Cocei a nuca para me impedir de lhe tocar. «É a tua mãe.»

Ela abanou a cabeça vigorosamente.

«As mães nem sempre amam os filhos.»

Eu queria contradizê-la, mas como podia? A minha própria mãe tinha abandonado o marido e os três filhos e nunca olhara para trás. Fá-lo-ia, se nos amasse? Nunca ninguém me explicara isto — a minha mãe não era um tema que se discutisse em nossa casa, nem falávamos sobre os nossos sentimentos. Mas pelo menos eu tinha as minhas irmãs. A Maddie era filha única e nunca conhecera o pai.

Depois ficou mais calma, a falar baixinho.

«Eu sei que é a maneira de ser dela, e na maioria dos dias aguento. Estou acostumada. Mas, por vezes, sinto-me tão sozinha.»

«Então e o Jason?», perguntei, incapaz de disfarçar o azedume na minha voz. O cabrão do namorado dela era conhecido por três coisas: o dinheiro da família, os seus hábitos de bebida e a forma como traía constantemente as raparigas com quem namorava.

«O Jason também não me ama», respondeu ela com tristeza.

«Então porque é que estás com ele?»

Ela olhou-me nos olhos e encolheu os ombros. A brisa despenteou-lhe o cabelo.

«Não sei.»

Diz-lhe que o deixe, pensei. Diz-lhe que pode arranjar muito melhor. Diz-lhe que ela é a primeira coisa em que pensas todas as manhãs e a última em que pensas à noite, e que serias bom para ela. Serias tão bom para ela!

Mas engasguei-me no risco de rejeição.

E o momento passou.

Baixando o queixo, ela olhou para o chão sob os nossos pés.

«Ontem, o Jason disse-me que nem quer ir ao baile de finalistas. Só quer ir à *afterparty*, embebedar-se. E sei que é estúpido, mas estava mesmo ansiosa por dançar no meu baile de finalistas, sabes?»

«Eu danço contigo», gaguejei. Foi o melhor que consegui fazer.

«Hum?» Ela levantou os olhos para mim.

«Eu danço contigo.» O meu coração parecia um milhar de cascos de cavalos a troar num campo. «No baile de finalistas.»

Ela sorriu, inclinando a cabeça.

«E a rapariga que vai contigo?»

«Ainda não tenho uma.»

«Porquê?» O tom dela parecia ligeiramente crítico. «Estás à espera de quê?»

O que é que achas?, tive vontade de lhe gritar.

Ao invés, fiz algo louco — segurei-lhe a cara nas mãos e encostei a boca à dela.

Um pequeno guincho de surpresa veio do fundo da sua garganta, mas ela não me empurrou. Dois segundos mais tarde, recuperei o juízo e recuei.

Estávamos ambos a respirar ruidosamente.

Os olhos dela estavam enormes.

As minhas mãos tremiam.

«Devias... devias convidar a Katie Keaton para o baile», disse a Maddie numa estranha voz aguda. «Ela tem um fraquinho por ti.»

Engoli em seco.

«Vou pensar nisso.»

«Ótimo.» Ela virou-se novamente para a árvore, onde apoiou uma mão, colocando a outra sobre o estômago. Os seus ombros subiram e desceram, com respirações rápidas.

Foda-se, foda-se, foda-se, pensei, baixando a cabeça. Tinha beijado a namorada de outra pessoa. Não era melhor do que o maldito Jason. E provavelmente também tinha estragado a minha amizade com a Maddie. Não a censuraria se ela se fosse imediatamente embora.

Mas ela não foi.

Contornou a árvore e reparou no velho baloiço pendurado de um ramo bem alto. Sentou-se na tábua de madeira e enrolou os dedos nas cordas. Depois recostou-se e olhou-me.

«Dás-me um empurrão?»

Fitei-a, e tudo o que vi — o nariz ligeiramente rosado, os olhos enormes, as manchas da luz do sol no seu macio cabelo castanho — amoleceu-me os joelhos. Mas se ela queria fingir que nada acontecera, estava bem para mim.

Pus-me atrás dela, agarrei nas cordas, recuei alguns passos e soltei. Quando ela voltou na minha direção, pus as mãos nas suas costas e empurrei gentilmente, uma vez e outra e outra. Finalmente, voltámos para dentro de casa para terminar o estudo.

Nunca mais voltámos a falar do beijo.

Três semanas depois, dei uma valente sova ao Jason na *afterparty* do baile de finalistas. Fi-lo porque ele bebeu demais, curtiu com outra rapariga e uma Maddie chorosa me pediu boleia para casa. Quando vínhamos a sair, ele veio atrás de mim, chamando-me cabrão e acusando-me de tentar roubar-lhe a namorada.

Até hoje, os meus amigos afirmam que nunca me viram tão zangado. E pode ser o mais zangado que alguma vez estarei. Não por ele

me ter chamado um nome, mas por ter a Maddie e não a merecer. E, aos meus olhos, a única coisa pior do que um homem que maltratava um animal, era um homem que maltratava uma mulher.

Nunca me arrependi.

Mas isso foi há quinze anos. Eu tinha crescido muito entretanto.

E tinha trabalhado em Wall Street tempo suficiente para saber que muitos mentirosos, vigaristas e canalhas tinham riquezas que não mereciam e se safavam com isso todos os dias, apesar das suas sacanices. Não podemos espancar toda a gente.

À uma e um quarto, voltei do estábulo para casa. Pelo caminho, olhei para o ácer, que ainda lá estava. O próprio baloiço ainda lá estava, movendo-se ligeiramente sob a brisa, embora já tivesse as cordas desfiadas pelos elementos e pelo passar do tempo.

A sua visão fez-me sorrir. Podia praticamente ver o meu eu adolescente avançar para aquele beijo como se fosse uma questão de vida ou de morte — que era exatamente o que eu sentia.

A vida, porém, levava-nos em direções diferentes. Talvez eu tivesse sempre um fraquinho pela Maddie Blake, mas o passado era o passado.

A única coisa que eu queria fazer agora era ajudar uma amiga.

Dois

Maddie

— Já chegámos?
Olhei pelo retrovisor para o banco de trás. Como sempre, o Elliott usava um gancho de unicórnio de um dos lados da cabeça, os fios de cabelo falso das cores do arco-íris enrolados nos adoráveis caracóis louros. Os seus grandes olhos castanhos encontraram os meus no espelho e pude ver neles toda a impaciência e infelicidade de um enérgico miúdo de 6 anos numa viagem de cinco horas.

— Ainda não, fofo. Mais uma hora.

— Mas tenho fome — gemeu ele.

— Embalei-te um lanche.

— Já comi tudo.

— Até o queque?

— Foi o que comi *primeiro*.

A rir-me, avistei uma placa que indicava uma bomba de gasolina com loja.

— Tens sorte por eu precisar de ir à casa de banho, miúdo. Saímos na próxima. — Pelo espelho, vi o sorrisinho nos seus lábios antes de dedicar a sua atenção a um jogo qualquer no *tablet*.

— Quando lá chegarmos, ainda podemos ir ao restaurante onde tu trabalhavas? — perguntou ele. — Aquele sítio onde nos podemos sentar ao balcão?

— Claro que sim — disse eu, recordando os bancos cromados com assentos de vinil vermelho onde passei quatro verões a servir

batidos, *sundaes*, hambúrgueres e batatas fritas a turistas e locais. — Tinham os melhores batidos de chocolate do mundo.

— Têm batidos de morango? — perguntou o Elliott, que nunca escolhia nada castanho, aliás, nem de qualquer outra cor, se pudesse ter uma coisa cor-de-rosa.

— Na altura tinham. Aposto que ainda têm. — Saí da autoestrada e avistei a estação de serviço à direita. — Sei que esta é uma viagem muito longa. Mas vais gostar do sítio para onde vamos. Vou mostrar-te todos os sítios onde brincava quando era criança. Levo-te à praia e vamos ficar numa quinta verdadeira.

— A quinta do Beckett?

— Sim. — Eu tinha contado ao Elliott tudo acerca do Beckett Weaver: como tínhamos crescido em casas separadas apenas pela estrada, como éramos bons amigos e como ele generosamente nos convidara para a sua casa.

— Diz-me outra vez que animais é que ele tem.

— Bem, tenho a certeza de que tem vacas e cavalos. Mas acho que também tem galinhas. E talvez um cão.

— E porcos? — perguntou ele, esperançoso, porque imaginava que os porcos eram da sua cor favorita, embora eu lhe tivesse explicado que a maior parte dos porcos na vida real não são daquele tom de pastilha elástica com que surgem nos desenhos animados.

— Vamos descobrir.

— Posso fazer festinhas aos animais?

— Claro. E aposto que ele também te vai deixar dar-lhes comida. — Parei o carro e olhei para o banco de trás. — Há *montes* de tarefas numa quinta, e eu disse-lhe que nós tencionávamos ajudar.

Ele sorriu e bateu com a bota de *cowboy* (cor-de-rosa). Pedira-me botas de *cowboy* quando eu lhe contara que íamos passar algumas semanas numa quinta. Tínhamos ido às compras e ele apaixonara-se pelo par cor-de-rosa na secção das meninas, ao invés das pretas e castanhas destinadas aos rapazes. Deixei-o escolher as que realmente queria, fascinada com o sorriso que estas lhe tinham posto na cara.

Ao vê-lo outra vez, soltei um suspiro de alívio. Ele ficaria bem. Nós ficaríamos bem.

Os últimos dois anos tinham sido difíceis.

O canalha do meu ex-marido, o Sam, um cirurgião ortopédico com um negócio próspero, além de mulherengo, humilhara-me mais uma vez com um caso público. Cansada de tentar fazer as coisas da melhor maneira e manter o casamento para bem do Elliott, reuni coragem e finalmente pedi o divórcio.

Após uma tentativa mesquinha de me dissuadir — não por me amar, mas porque o divórcio «parecia mal» —, o Sam concordou em deixar-me ficar com a casa e deu-me a custódia principal do Elliott, que era tudo o que eu queria. Em troca, eu aceitava uma quantia única de dinheiro que ele me oferecia em vez da pensão de alimentos mensal e punha absolutamente tudo numa conta para a educação do Elliott.

Eu não queria o dinheiro do Sam. Nem precisava. Posso não ter terminado o curso de Medicina, mas sou uma enfermeira pediátrica com um emprego que adoro e um salário mais do que suficiente para me sustentar a mim e ao meu filho.

O que quero é começar de novo... mas também preciso de encerrar um capítulo.

Regressava agora à minha cidade natal de Bellamy Creek pela primeira vez em mais de uma década, para vender a casa da minha infância. A minha mãe deixara-me em testamento há sete anos, mas o choque da sua morte afetou-me muito e não estava preparada para lidar com isso de imediato.

Para minha sorte, o turismo era um grande negócio na pitoresca cidadezinha à beira do lago e as propriedades para arrendar tinham muita procura. Contratara o primeiro agente imobiliário que respondera ao meu anúncio, grata quando me prometeu que limparia o local e o arrendaria rapidamente. Porém, ele revelara-se preguiçoso e desonesto, roubando nas rendas e deixando degradar a propriedade. No ano anterior, recebera um telefonema do condado sobre o péssimo estado da propriedade e o excesso de vegetação.

Despedi imediatamente o agente, mas estava a passar pelo processo de divórcio e não tinha tempo nem energia emocional para viajar para o Michigan e lidar com isso.

Agora encontro-me numa situação muito melhor, e sinto-me verdadeiramente ansiosa por mostrar ao Elliott o local onde cresci.

Além disso, ia passar algum tempo com o Beckett.

Só de pensar em voltar a vê-lo fiquei com borboletas no estômago e os meus lábios encurvaram num sorriso.

Claro que o Sam não gostara que eu o afastasse do Elliott por algumas semanas. Era livre de ver o filho sempre que quisesse, mas cancelava as visitas combinadas metade das vezes.

Não que isso me surpreendesse, pensei ao entrar na estação de serviço de mão dada com o Elliott. O Sam começara a afastar-se desde que se tornara óbvio que o Elliott não era um rapaz «típico» — pelo menos na mente do Sam —, um rapaz que quisesse usar calças de ganga e brincasse com camiões o tempo todo. Ele gostava de calças de ganga e de camiões, mas também gostava de vestidos e de *Barbies*, e eu não ia dizer-lhe que isso estava errado. Porque não estava.

Somos quem somos, e merecemos ser amados por isso.

*

— Vai à casa de banho — instruí o Elliott, que ainda estava junto dos lavatórios quando saí do cubículo, admirando ao espelho o seu vistoso gancho com um unicórnio.

— Não preciso de ir.

— Não saímos daqui enquanto não fores, por isso é melhor despachares-te. — Lavei as mãos e lancei-lhe um olhar pragmático pelo espelho.

Ele suspirou e revirou os olhos, mas entrou num cubículo.

Um momento depois, a mulher alguns lavatórios ao lado disse, friamente:

— Ele devia usar a casa de banho dos homens, sabe.

Relanceei-a. Era mais velha — com 60 e muitos —, com um cabelo artificialmente amarelo e olhos hostis, julgadores.

— Ele tem 6 anos — disse-lhe.

— É um *rapaz* — disse ela, com os lábios numa linha fina. — Devia usar a casa de banho dos *rapazes*.

— Percebo — disse eu, secando as mãos com as folhas ásperas de papel castanho. Sabia qual era o problema dela com o meu filho, e não era só a casa de banho.

— Se não começar agora a tratá-lo como um rapaz, depois será tarde demais. Está a confundi-lo. — Cruzou os braços diante do peito e fungou. — Que péssima mãe.

A fumegar de raiva, atirei o papel para o lixo, esforçando-me por não explodir e, ao invés, apresentar um bom exemplo para o meu filho, que saíra da casa de banho e estava a lavar as mãos ao meu lado.

— Vamos, Elliott. Vamos comprar o lanche antes de nos fazermos novamente à estrada.

— Onde está o pai dele? — perguntou a mulher. — Sabe que veste o filho dele como uma rapariga?

O Elliott relanceou a sua t-shirt cor-de-rosa e franziu a testa, o que levou a minha fúria ao ponto de ebulição.

Peguei na mão do Elliott e virei-me para ela.

— Neste momento, o pai dele está demasiado ocupado a untar o biscoito da namorada mais recente para se preocupar com a educação do filho, por isso eu é que tenho de lhe ensinar as lições importantes na vida. E uma delas é que não vale a pena dar atenção a pessoas rudes, tacanhas, que nunca aprenderam a tratar os outros com decência e respeito. Por isso, *obrigada* por esta oportunidade educativa.

Deixando-a de boca aberta de surpresa, abri a porta e saí, com o Elliott ao meu lado. Ainda estava a fumegar enquanto esperávamos na fila para pagar a comida.

O Elliott ergueu o olhar para mim.

— Os rapazes podem usar cor-de-rosa, não podem?

— Claro que podem. — Apertei-lhe a mão. — Lembras-te do que o Pinkalicious disse no livro, certo? O cor-de-rosa é para todos.

— Porque é que aquela senhora disse aquelas coisas?

O meu coração ameaçou quebrar.

— Porque algumas pessoas não aprenderam a apreciar todas as coisas diferentes que tornam os seres humanos especiais e maravilhosos. Acham que só se pode ser de uma maneira.

— Mas porquê?

Porque são cretinos, pensei.

— Porque não lhes ensinaram o amor e a aceitação.

O Elliott tocou no seu gancho do unicórnio.

— Aquela senhora deixou-te zangada?

— As pessoas más deixam-me sempre zangada. — Parei e respirei fundo. — Mas provavelmente não devia ter dito aquelas coisas. Também não foi simpático da minha parte.

— Porque é que disseste que o pai estava a untar um biscoito?

— Ah, deixa lá isso. — Felizmente, chegara a nossa vez na caixa, e empurrei-o para a frente. — Vamos, põe a tua comida ali em cima. Estou ansiosa por voltar à estrada.

— Para veres a tua velha casa?

— Sobretudo, para ver o meu velho amigo — respondi com um sorriso. — Tenho mesmo saudades dele.

*

Quando virei para a familiar estrada de terra ressequida pelo sol onde cresci, apercebi-me com surpresa do pouco que tinha mudado.

A mesma cerca de madeira delimitando o Rancho Weaver à direita, as mesmas casas pequenas e degradadas à esquerda.

Abrandei a velocidade e baixei os vidros, inalando intensamente. O cheiro também era familiar — feno, estrume, campos de milho e de beterraba. Até o som dos pneus a cuspir gravilha me levou para o passado.

Era como se o tempo tivesse parado.

Com uma grande exceção.

— Uau! Quem é que vive ali? — perguntou o Elliott.

— Deve ser a casa nova que o Beckett construiu — disse eu quando a casa ficou à vista. Era deslumbrante: uma estrutura irregular de madeira e pedra que teria parecido tão natural tendo como fundo os picos escarpados do Montana como parecia nas colinas gentilmente ondulantes do oeste do Michigan. Parei em frente da rampa de entrada.

— É linda, não é?

— É ali que vamos ficar?

— É mesmo. — Sorri, orgulhosa do Beckett e feliz por ele.

Nunca duvidara de que ele poderia ser bem-sucedido em qualquer coisa que decidisse fazer. O Beckett era um dos tipos mais inteligentes que conhecera — e do melhor *gênero* de tipo inteligente, o tipo que nunca tinha de humilhar ninguém para provar como era bom em alguma coisa. E era bom em muitas coisas. Escola, desporto, ser amigo... beijar.

O calor subiu-me pelas bochechas. Perguntei-me se o Beckett alguma vez pensava acerca da única vez em que as coisas se tinham tornado românticas entre nós. Nunca tínhamos falado nisso, nem quando eu o fora visitar em Manhattan há sete anos, depois de descobrir pela primeira vez que o Sam me traía.

Estava magoada, zangada, assustada — e grávida de seis meses do Elliott. Desesperada por um amigo, recorri à única pessoa conhecida que sabia que não me julgaria por me ter precipitado para um casamento com alguém que mal conhecia. O Beckett compreendia como a morte súbita da minha mãe no ano anterior me afetara, como me sentia assustada e perdida.

Toda a minha vida, o meu objetivo fora corresponder às expectativas dela — depois ela partiu e eu senti-me completamente à deriva. Desistira da faculdade de Medicina em Northwestern e aceitara um emprego num café, onde conheci o Sam, que o frequentava todas as manhãs.

O Sam arrebatou-me rapidamente, oferecendo-me conforto e estabilidade numa altura em que eu me sentia sozinha e perdida. Declarou que estava louco por mim e prometeu-me uma boa vida se eu

me mudasse para a sua cidade natal, perto de Cincinnati, onde ele em breve começaria a trabalhar no consultório do pai. Disse que queria uma família, e eu imaginei-me rodeada de filhos, primos, tios, avós — todas as coisas por que ansiara ao crescer. Por isso casámo-nos em Las Vegas e mudámo-nos para o Ohio, mas os meus sonhos não tardaram a ruir.

Quando apareci à porta do Beckett, grávida e infelicíssima, ele deixou-me chorar no seu ombro largo e assegurou-me que não precisava de continuar casada com o Sam para ter uma boa vida. Mas compreendeu porque é que eu estava disposta a perdoar o meu marido e tentar de novo — queria que o nosso filho crescesse com os dois pais. Nem eu nem o Beckett tínhamos tido essa sorte.

Lembrei-me de como ele dormira no chão enquanto me dava um teto, oferecendo-me o sofá no seu minúsculo estúdio em Manhattan. O Beckett fora sempre um cavalheiro.

E depois de eu finalmente ter deixado o Sam para sempre, ele foi a primeira pessoa a quem telefonei.

«Olá, estranho», disse eu, contendo as lágrimas.

«Maddie?»

«Como estás, Beckett?»

«Bem. É muito bom ouvir-te. Como vais?»

«Há muito tempo que não estava tão bem.» Fiz uma pausa e respirei. «Deixei o Sam».

«Deixaste-o? Queres dizer que te divorciaste?»

«Sim.»

Uma pausa.

«Já não era sem tempo.»

«Eu sei», respondi, rindo um pouco, apesar de tudo.

«Estás mesmo bem, Maddie?»

«Sim, estou mesmo bem. E escuta, desculpa termos passado tanto tempo sem falar.»

«Não precisas de me pedir desculpa.»

«Deixa-me dizer isto, está bem? Fico doente por não ter mantido o contacto.»



ELA SEMPRE O QUIS. ELE NUNCA A ESQUECEU. MAS ELES NUNCA FORAM MAIS DO QUE AMIGOS.

Beckett Weaver deixou um emprego em Wall Street para gerir o rancho da família e tomar conta do pai, cuja memória tem vindo a deteriorar-se rapidamente. Os seus dias são longos e exigentes, não lhe deixando tempo para pensar em relações românticas. Mas quando sabe que Maddie Blake precisa de um sítio para ficar durante uns dias, decide convidá-la para uma estadia em sua casa. Afinal, conhecem-se desde crianças, e o único beijo que trocaram em adolescentes é agora uma memória distante.

Maddie saiu de Bellamy Creek há mais de uma década, mas nunca esqueceu a sua cidade natal nem o rapaz por quem foi secretamente apaixonada na adolescência. Quando regressa para vender a casa da mãe, decide aceitar a oferta de Beckett para passar uns dias no seu rancho. Além de não precisar de procurar alojamento, ainda vai proporcionar ao filho a oportunidade de ajudar a cuidar dos animais.

Tanto Beckett como Maddie julgavam que iriam conseguir passar alguns dias juntos como amigos. Afinal, ele não acredita em finais felizes e ela não quer voltar a sair magoada de uma relação. Mas nenhum deles contava com um reencontro tão fogo e apaixonado, nem com aquela atração impossível de controlar.

Talvez ele apenas tenha de reconhecer que quer mais do que um caso passageiro. E talvez ela apenas precise de uma boa razão para ficar.

Não perca,
da mesma autora:



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789895830206



9 789895 830206 >